

Engenharia em São Carlos: saudade desses tempos...



Chegando em São Carlos, caipira de Brotas, primeiro curso de vestibular do CAASO, procurar república para morar, decifrar as viagens pelo aprazível bonde. Sim, São Carlos tinha um simpático bonde elétrico. Havia uns playboys que jogavam um suco de quiabo e outras coisas no topo da ladeira da Avenida São Carlos, em frente à catedral, morro abaixo. Geralmente à noite. E ficavam sentados nos bancos da praça em frente observando a chegada derrapante do veículo. O condutor já os conhecia e abria a caixa de areia que proporcionava o atrito necessário à continuação da viagem. Contaram-me que pretendiam jogar gasolina esperando que as rodas de aço do bonde acendessem o fogaréu na base do atrito. Não sei se realizaram essa verdadeira sabotagem.

Mas, enfim, São Carlos não era a cidade bucólica que se pensava. Era uma dinâmica urbe com vetores de variáveis intensidades e sentidos. Exuberante para o bom observador!

As repúblicas eram um capítulo a parte: “Sweet maloca” com uma catraca de ônibus regulando a entrada, “USP em tudo” (não leia emendando as palavras!), “Gaiola” (como nomear uma república onde moravam o Pardal e o Tico-Tico?) e segue por aí.

Comecei a crônica e percebo que um só capítulo não vai dar. Como separar? Por causos, pelos professores? Melhor escrever lembrando do Fernando Pessoa: “caminhante não há caminho! Este se faz ao andar... Vamos, pois, caminhando, digitando...”

A cidade portava verdadeiras “Instituições” que deveriam ter sido tombadas ...

Bar São Paulo, em estratégica esquina central, onde tudo se sabia, onde todos iam ...

Na praça ao lado o Bambu com música e bebidas. Para se aplacar a fome o Ricardinho ao lado da Viação Cometa vendia ótimos kibes e esfihas ... E a Viação Cometa era o lugar geométrico de 90% dos visitantes e viajantes à Athenas Paulista, codinome da cidade. Do bar São Paulo, observávamos os “chegantes”: professores, colegas, um “pitêu” ou “avião” (apelido dado às gatas, na época). E mal encarados às vezes tidos como agentes do Dops nos sombrios tempos da década de 1960.

Continuando, na praça, havia o Bambi, onde iam as meninas e o Bar do Maneco.

No centro dela o Cine São Carlos onde promovíamos as “Noites malditas” às 23h00 promovidas por um cine clube nascido na Escola de Engenharia de São Carlos (USP), iniciativa de alunos e professores. E se podia ver desde Bergman em *Sétimo Selo* a *Noites de Cabiria* do Fellini, passando por Walter Hugo Khoury.

Vejam que interessante. Muitos professores iam a essa sessão e podíamos conversar com eles na praça até tarde

da noite. Um conagraçamento do “alto clero” com o “pretendido alto clero”.

Numa dessas sessões o professor Achile Bassi, importado da Universidade de Bologna para ensinar Geometria Projetiva, aquela que nega a euclidiana, sentou-se à minha frente com outros colegas matemáticos. Bons tempos em que os orçamentos das universidades eram razoáveis e se podia trazer professores internacionais.

Mas, no meio da projeção, professor Bassi levanta a cabeça olhando para o teto fixamente. Após uns cinco minutos de observação diz com voz firme: “Ma que bello teorema!”. Ríamos não do filme ...

E na escola tínhamos igual privilégio. Um jovem professor, Thales de Lorena, não fazia distinção entre discentes e docentes. Eu era interessado em seu trabalho de doutoramento que estudava as camadas do solo, os lençóis, os fluxos destes, lençóis empoleirados (sim, havia!!) e, para mim, o mais intrigante: os vazios do solo! Como haver vazios no solo? A terra seria um queijo suíço? E o Thales pacientemente me explicava. Um bom amigo e um ótimo mestre que uma curva rodoviária, talvez mal traçada, noturna e soturnamente o levou para uma outra missão ... algures! Um cara como ele seria necessário em vários outros planetas, estrelas e asteroides.

Outra vantagem era assistir as discussões intraprofessores e especialidades.

O anfiteatro se abria e lembro-me fascinado de médicos da Medicina Ribeirão Preto (USP), discutindo com engenheiros, físicos e matemáticos, um aparelho para ajudar o coração.

O médico dizia o que precisava, o engenheiro dava a comparação (uma bomba hidráulica, um termostato etc. etc.), o físico chegava com uma equação que o matemático aperfeiçoava. Dessas discussões saíram a cola de ossos, a pistola de nitrogênio, outros muitos e um medidor da pressão craniana que o professor Sérgio Mascarenhas inventou com base em um medidor de dilatação para concreto evitando cirurgias, internações e redução de custos à quinta parte!

O que não faz essa aproximação entre os saberes, o conhecimento clássico, a curiosidade do jovem em um ambiente catalisador para essa “ebulição”.

Paramos por aqui. Já excedi o espaço disponível. No próximo número contaremos mais.

Desde a cena estudantil, as rebeldias estudantis, a pesada cena política, a reforma universitária etc. Sem esquecer das doces namoradas. São Carlos, “locus” de meninas bonitas e belas pernas. Diariamente subiam as ladeiras de 10, 12 e às vezes 15% de declividade. Inclinações fortes mas que conferiam bela, rígida e suave geometria às suas pernas!

Aguardem! 📧

NESTOR SOARES TUPINAMBÁ
é engenheiro, mestre em urbanismo e
consultor de transporte
E-mail: nstupinamba@uol.com.br